

Prefácio

O escrever livros, disse o sábio, não tem fim, e não tem fim em vista de que para a escrita deste livro em particular não recebi ajuda considerável dos outros. Primeiro e acima de tudo, quero agradecer à Pew Charitable Trusts pela subvenção extremamente generosa que me possibilitou tirar o tempo necessário para pensar sobre o desaparecimento da teologia e colocar esses pensamentos no papel. Isso também exigiu que me liberasse das minhas responsabilidades de ensino. Gordon-Conwell foi o mais afável e cooperativo. Também sou agradecido a todos que me substituíram durante minha ausência. Eles fizeram isso com tanta maestria que comecei a temer que o seminário pudesse decidir tornar minha ausência definitiva!

Durante esse período de intervalo, recebi alguns convites para dar palestras em vários locais. Senti que devia declinar de alguns deles, mas aceitar vários que achei que podiam me ajudar a esclarecer minhas ideias sobre o desaparecimento da teologia. E estava certo. Foi muito útil receber respostas para minhas ideias enquanto prosseguia. Por isso, quero agradecer ao Southern Baptist Theological Seminary, em Louisville, pela oportunidade de dar palestra e debater esse assunto em 1990; a Coalisão para o Alcance Cristão, o Christian College Coalition e a Christian Higher Education Commission of the National Association of Evangelicals (Comissão Cristã de Educação Superior da Associação Nacional de Evangélicos) por seu convite para tratar desse tema e discuti-lo em 1991; o Board of Wheaton College que me convidou a pensar com eles sobre a educação universitária no futuro, dadas as mudanças no mundo evangélico que tentava descrever; a arquidiocese de Sidney, Austrália, pelo gentil convite para falar para o clero da região sobre como a modernidade

deturpa nossa percepção da singularidade de Cristo; e ao Trinity Evangelical Divinity School pela honra de ser convidado a fazer as palavras do Kenneth Kantzer Lectures, em 1991, sobre o tema do desaparecimento da teologia. E, no verão de 1992, depois do manuscrito estar concluído e fora de vista em algum lugar no labirinto das editoras, fiz duas palestras na Universidade Biola e uma série em Francis A. Schaeffer Institute, Covenant Theological Seminary, sobre alguns dos temas deste livro. Nessa época, era muito tarde para fazer mudanças. O dado fora lançado, mas ainda não caíra na mesa. No entanto, estava agradecido pelo interesse nas questões levantadas por mim.

Além disso, estou em dívida com várias pessoas que, a meu pedido, leram partes deste manuscrito. Sou agradecido pelos comentários criteriosos delas. Entre estes estão Thomas Askew, Stanley Gaede, T. David Gordon, Os Guinness, Nathan Hatch, James Hunter, Garth Rosell, Mark Noll, John Stott, Douglas Stuart e Ken Swetland. Naturalmente, sou o único responsável pelo livro como está agora. Também sou agradecido pelos comentários e críticas oferecidos para porções deste manuscrito em duas conferências sobre “a teologia e a consciência moderna” realizadas em Rockport, em 1990 e 1991. Por fim, para o capítulo sobre Wenham, recebi toda assistência possível da equipe do Museu Wenham, pelo que sou agradecido. Cito materiais sob o cuidado deles com permissão.

Finalmente, não posso deixar de expressar minha dívida com todos que, ao longo dos anos, enriqueceram meu entendimento com sua pregação fiel da Palavra de Deus, por seu exemplo de vida íntegra e por sua autenticidade espiritual — aqueles cuja amizade sempre me estimulam a me esforçar mais e melhorar. Eles me ajudaram a ver que aqueles que são mais relevantes para este mundo são aqueles julgados como mais irrelevantes.

Introdução

Hesitei um pouco ao entrar no grande e inóspito auditório para o qual fora designada a aula inaugural de teologia. Minha hesitação teve pouco que ver com a sala, embora ela deixe algo a desejar. Não só a mesa do professor ficava longe dos alunos, que se sentavam afastados em fileiras ascendentes a ponto de ter uma visibilidade ruim das filas de trás, mas o sistema de calefação com frequência funcionava de modo invertido. No inverno, de tempos em tempos, a cordialidade é grosseiramente interrompida com pouco aviso e sem motivo aparente já que esse sistema enganador de repente começa a sugar ar de fora, em vez de aquecer e circular o ar de dentro. Aqui, na verdade, está a parábola da existência moderna: uma máquina que ninguém consegue domesticar, cujo objetivo é o conforto da vida humana, causando a destruição dos melhores planos implementados pela instituição.

No entanto, não foi por isso que hesitei, pois aprendera a me proteger contra esse monstro temperamental sempre tendo um sobretudo à mão para quando as coisas ficassem realmente ruins. Nem foi a quietude palpável que sabia que logo dominaria a sala quando começasse minha descida até a frente desta. Muitos desses alunos, se fosse como seus predecessores, estariam assustados. Primeiro, havia minha reputação a ser considerada: mais alarmante que a de Ivan, o Terrível, fui informado, em especial em época de exame. E segundo, havia o assunto. A teologia estava tão distante de qualquer coisa que sobre o que muitos pensam ou consideravam importante, que o primeiro encontro era sempre um pouco intrincado e, com frequência, atemorizante.

Tudo isso simplesmente fazia parte da situação, o “dado” como eles dizem. Mas hesitei naquele dia por outro motivo. Não tinha de fato muita certeza de como contornar o medo deles e fazer algumas conexões com a curiosidade que com certeza tinha de estar à espreita em algum lugar em cada um daqueles homens e mulheres. Era importante que fizesse isso logo de início.

Mas antes que tentasse esse delicado empreendimento, tinha de cuidar da introdução ao curso. Agora, tinha a grande vantagem de conhecer uma das questões que apareceria mais tarde na forma de avaliação do aluno — o relatório dos consumidores — em que cada um seria solicitado a preencher no fim do curso: “O curso foi apresentado de modo apropriado?” E depois da pergunta se seguem números de um a cinco, do excelente para o sofrível, para dar nota ao professor. O problema é que nunca entendi a pergunta. Não basta que o catálogo descreva o conteúdo do curso? Ou espera-se que eu leia essa descrição para eles? Que a elabore? Apresente uma versão resumida do que os aguarda? Falar de modo vago, mas tranquilizador, sobre a vida para lhes dar tempo de se acostumarem comigo e comecem a sentir confortáveis com o curso de estudos em que estavam entrando? Minha confusão nesse ponto é amplamente atestada pelas baixas notas que sempre colecionei. Após a avaliação desses alunos passarem diante dos meus olhos, pesada com a pontuação sombria dada por eles, os alunos vão ao escritório do reitor e, então, em algum arquivo infeliz, fica o testemunho permanente e condenatório do fato de que ainda não aprendi como apresentar meus cursos. E quem sabe quando eles serão pegos e jogados sobre mim com um dedo acusador em riste? Ele é aquele que não sabe como apresentar seus cursos de modo adequado.

Assim, nesse dia em particular, uma vez que o silêncio se estabeleceu na classe, logo completei os rituais iniciais e comecei a trabalhar. Qual a melhor maneira de apresentar o curso e, ao mesmo tempo, dispensar um pouco de conforto paternal que lidar direto com seus medos? Sabia, disse, que alguns deles estariam iniciando uma longa caminhada em um território desconhecido, caminhada essa que não fariam se a faculdade, em sua sabedoria, não exigisse isso deles. Aquecendo para o meu tema, disse que entendia a relutância que podiam sentir, pois a teologia nem sempre se recomendava às pessoas. Os próprios teólogos, com certeza, conforme admiti, nem sempre adornavam o assunto que amavam e, no período moderno, o apresentavam distante daquilo que viviam. Os teólogos são

argumentativos, embora duvide que eles tenham o monopólio dessa mania em particular. Não só é assim, mas eles às vezes são conhecidos por impor suas ideias à Bíblia, embora logo acrescente que eles, nesse aspecto, dificilmente são diferentes dos muitos outros estudiosos. Por essas e várias outras razões nas quais toquei rapidamente, esse não parece ser um assunto que prenderia naturalmente a atenção deles.

Mas agora consigo ver que fiz algumas conexões. E me ocorreu como era sortudo de ter alunos tão genuinamente ansiosos de fazer a coisa certa, de se dedicar ao assunto em pauta a despeito da relutância que alguns, sem dúvida, sentiram. E parte dessa relutância com certeza surgiu da preparação mínima que tinham recebido antes de vir para o seminário. Os alunos que querem aprender encontram meios de superar o que encontram no pátio da graduação, e muitos desses alunos fizeram isso. Mas os inocentes, aqueles cuja mente esteve em outros assuntos nos anos de faculdade, agora descobrem que foram enganados em silêncio. É possível que um aluno na universidade hoje trilha seu caminho em meio a todos os requisitos, terminando em um arroubo de glória e alívio na cerimônia de formatura, sem ter recebido uma educação. Isso acontece até mesmo nas melhores universidades. De algum modo, elas conseguem formar estudantes que não têm conexões mentais com o passado, têm pouco conhecimento de sua literatura, e menos ainda de seus grandes pensadores, pouca habilidade para pensar por si mesmos e para quem o prospecto de escrever um trabalho de pesquisa é uma questão de grande consternação. Olhei para a classe, tive o palpite de que pelo menos algumas dessas vítimas do sistema educacional estavam presentes. Contudo, aqui estão eles, corajosamente se expondo ao que pode lhes parecer um sério perigo. O desejo deles de estar no seminário era uma compensação poderosa para — na verdade, uma contraforça para — os hábitos e disposição que trouxeram com eles.

Então continuei, agora mais assertivo. Não pensemos, conforme afirmo, que temos de fato uma escolha entre ter uma teologia e não tê-la. Todos nós temos nossas teologias, pois todos temos uma forma de colocar as coisas em nossa mente que, se formos cristãos, tem um molde que vem do nosso conhecimento de Deus e sua Palavra. Podemos não ter consciência desse processo. Na verdade, com frequência não temos. Mas pelo menos organizamos nossas percepções em algum tipo de padrão que parece fazer sentido para nós. A questão em pauta, não é se temos uma teologia, mas se ela é boa ou ruim, se temos consciência dos nossos processos de

pensamento ou não e, mais particularmente, se aprendemos a trazer todos nossos pensamentos à obediência a Cristo ou não. Os autores bíblicos tinham uma teologia nesse sentido e, afinal, Jesus também a tinha. Ele se explicava em termos de revelação bíblica, entendia sua vida e obra em relação a Deus e via todas as facetas da vida dessa perspectiva. Jesus tinha uma visão de mundo cuja origem era os propósitos e caráter de seu Pai e que animava tudo que ele dizia e fazia. Tenho claramente precedente — precedente bíblico importante — para o que estou almejando para este curso. Foi, pensei, uma proeza conforme as apresentações aconteciam.

Mais tarde, descobri que minha audiência não compartilhava minha opinião. Quando as temíveis planilhas de avaliação voltaram no devido tempo, elas transmitiram o mesmo julgamento funesto sobre minha apresentação, outro marco no caminho de começos ruins. Mas no momento me pareceu que fizera uma conquista menor. Antes de conseguir reunir meus pertences, um círculo de alunos logo me rodeou. Não é engraçado como declarações inconsequentes têm uma forma de ficar na mente como um zumbido? Naquele dia, um aluno claramente agitado que se adiantara me disse como estava agradecido pelo que eu acabara de dizer. Era como se eu estivesse lendo sua mente. Disse-me que era um daqueles que eu descrevera como alunos amedrontados com o prospecto de fazer esse curso. Na realidade, ele disse que tivera uma luta intensa com sua consciência sobre o assunto. Será que era correto gastar tanto dinheiro em um curso que era tão irrelevante para seu desejo de ministrar para pessoas na igreja? Ele claramente não pretendia insultar. Na verdade, essa confissão, que antes acho que ele não pretendia fazer, começou como um elogio. Foi nesse dia que decidi que tinha de escrever esse livro.

No entanto, o que pretendia escrever na época era apenas uma modesta introdução para uma pequena audiência, talvez intitulada, sem muita originalidade, *Um pequeno encorajamento para jovens teólogos*. Seria uma pequena oferta destinada apenas a fazer os alunos a entrarem em órbita. Isso foi na época. O que escrevo agora não só é muito mais amplo do que pretendia originalmente, mas também pretende atingir uma plateia muito mais ampla. Desde essa época, observo cada vez com mais desgosto como a igreja evangélica mergulha com alegria em um analfabetismo teológico impressionante. Muitos parecem imaginar que estão simplesmente seguindo o caminho para o sucesso, mas os efeitos dessa grande mudança na alma evangélica estão evidentes em todas as classes que chegam aos

seminários, na maioria das publicações, na maioria das igrejas e na maioria dos pastores delas. É uma mudança tão grande e tão abrangente que aqueles que discordam do que está acontecendo são logo descartados como indivíduos que não conseguem avançar, que querem ter escrúpulo a respeito do que é irrelevante, que não são leais e que, em todo o caso, são bem irrelevantes. A despeito disso, as mudanças em andamento agora têm tantas consequências que, para mim, passaram a ser uma questão de consciência lidar com elas. A consciência, segundo aprendi, é um mestre difícil, e não tenho a mínima dúvida que minha tentativa ao fazer isso parecerá bem ridícula. Alguns me verão como um cão bobo que senta no gramado da frente e, para desgosto de todos, late para a lua. Mas tenho de latir.

A mudança na natureza deste livro do que pretendia originalmente não reflete apenas uma mudança de intenção. Ela aumentou de fato da profunda convicção sobre a natureza da teologia, sobre sua audiência apropriada e sobre os princípios de sua construção. A despeito dessas origens, todavia, não digo nada neste livro sobre seus princípios de construção e digo pouco sobre sua natureza, quase tudo é dirigido à audiência do livro, tratando como a condição da audiência afeta a própria possibilidade de qualquer teologia ser feita e por que isso é assim.

A questão do método apropriado para desenvolver teologia, com certeza, é de grande importância à qual a comunidade acadêmica dá considerável atenção hoje e é um pouco arriscado passar por tudo isso com tanta despreocupação. Embora a premissa de boa parte do trabalho que está sendo feito me pareça bem equivocada. Boa parte do trabalho em desenvolvimento vê a teologia como uma máquina. A pressuposição é que a teologia, como o velho cortador de grama, devia começar com um ou dois impulsos, e se não começar, então um pequeno conserto provavelmente resolve o problema. Em outras palavras, a pressuposição é que se a teologia está em declínio, o que poucos duvidam que seja o caso, a razão disso é que não chegam nem a tocar em suas próprias fontes de cura. Infelizmente, a despeito de todo tratamento que continua a ser dado a essa antiga disciplina, a despeito de todas as novas propostas sobre formas de remodelá-la e a despeito da massa de novas correções de um número crescente de campos, a melancólica conclusão que agora parece inevitável é que algo está tão seriamente errado que nada consegue consertar.